

VERSION PORTUGAISE ET THÈME

I : VERSION

VIAJANTES E APAIXONADOS EM TRANSE

BEM-AVENTURADOS OS APAIXONADOS, que se esquecem por algum tempo das mazelas do mundo. Deitam-se numa rede de fios bem trançados, numa cama estreita, num tapete persa ou numa esteira de palha e se entregam às malícias do amor. Ou deitam-se no piso de tábuas de uma casa modesta e se esquecem dos magistrados, dos burocratas, das chuvas destruidoras, dos políticos inativos, dos impostores e dos pássaros agourentos. Já não se lembram da segunda-feira árdua e rotineira, do chefe ranzinza ou do subalterno distraído, do trânsito nefasto com seus motoristas alucinados, nem daquele casamento que se reduziu a bocas engessadas e momentos de silêncio que insinuam sentenças hostis.

Apaixonados: seres sonhadores antes do primeiro duelo, que só às vezes rima com inverno. Ali na praça conversei com Bandolim, um velho conhecido que perdera sua amada. Nas vésperas do Natal eu o encontrava triste e lacônico, vendendo violas que ele mesmo fazia com dejetos fígados na metrópole, esse vasto museu do consumo. Mas agora Bandolim havia encontrado uma amada:

“Minha outra música”, ele disse.

Distraído, ouvi “musa” em vez de “música”, e logo comprei uma viola do artista errante, que lembra certos viajantes, esses outros bem-aventurados.

Muitos partem sem bússola e se lançam a uma aventura. Ou partem em busca de uma paisagem insólita, de um sabor estranho, de rostos ainda mais estranhos, de lugares sonhados desde sempre, de noites que se emendam ao dia e novamente à noite, como se houvesse só espaço nesse mundo regido pelo tempo. Viajantes com pouca bagagem, movidos pelo desejo de conhecer o que amanhã será esquecido, ou de esquecer o que irremediavelmente será lembrado além da nossa fronteira. Alguém te envia uma mensagem do deserto de Atacama, de uma mesquita de Istambul, de um *pueblo* de Misiones, de uma praça de Teresina, Belém ou Sabará, do pátio de um convento de Olinda; alguém escreve à mão no verso de um postal palavras sobre o assombro e a beleza da ilha de Creta, onde um mito antigo resiste aos descabros do nosso tempo.

Quantas mensagens via satélite... E só uns poucos postais com a fotografia de um lugar visitado e cinco frases escritas por calligraphos anacrônicos.

Invejo a energia quase cósmica desses viajantes e apaixonados, que celebram suas façanhas com uma comoção incomum. Posso imaginá-los em transe, e de algum modo eles me inspiram para escrever essas linhas num quarto úmido, depois da tempestade. Ali, no pequeno jardim, olho as romãs rosadas, sinto o cheiro dessas frutas desventradas por pássaros famintos, e logo me vem à mente os versos do poeta que escreveu “A falta que ama”:

*Uma viagem é imóvel, sem rigidez.
Invisível, preside
ao primeiro encontro. Todo encontro,
escala que se ignora.*

Milton Hatoum. *Um solitário à espreita: Crônicas*, São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 274-275.

II : THÈME

XVI

En ce cabinet¹ de gare, je frissonnais, transpirant d’effroi. Le camelot avait dit que les juifs étaient une sale race, tous des salauds, mauvais comme la gale. C’est affreux, pensais-je, je suis un méchant sans le savoir, c’est peut-être comme ça, les méchants. J’avais le vertige. Alors mon père et ma mère étaient aussi des méchants sans le savoir ? J’avais mal au milieu de ma poitrine. [...] Papa et Maman m’aimaient, donc ils n’étaient pas méchants ! Mais peut-être qu’on pouvait aimer tout en étant méchant ? Ou peut-être que

¹ Il s’agit du cabinet de toilettes de la gare où l’enfant se réfugie après avoir été maltraité par le camelot.

Papa et Maman n'étaient gentils qu'avec moi et méchants avec tous les autres ?

J'avais mal au milieu de ma poitrine et je détestais Dieu. Pourquoi cette méchanceté de faire les juifs méchants ? Et pourquoi m'avait-Il fait un juif ? Oh, personne ne m'aimerait plus dans ma vie ! Partir et changer de nom ? Insupportable de ne plus les voir, mes deux chéris, mes deux pauvres méchants qui ne le savaient pas, qui ne savaient pas qu'ils étaient méchants, et ce n'était pas de leur faute s'ils étaient méchants. Et puis, partir où ? Je n'aimais que la France. Déclarer que je n'étais plus juif, aller dans les rues et le crier ?

[...]

Et pourquoi les gens de la foule avaient-ils ri de me voir chassé ? Cette foule, c'était pourtant des gentils Français que j'aimais. Oh, ils étaient bons, les Français, je le savais, je le jurais ! Peut-être que le hasard avait réuni autour du camelot les seuls méchants de Marseille ? Non, impossible. Eh bien, puisqu'ils n'étaient pas méchants, ils me détestaient parce que je le méritais. J'étais donc bien un méchant, né dans une religion de méchants. Mais pourtant nos patriarches, nos prophètes ? Eh bien, nous avons changé.

Albert Cohen, *Ô vous, frères humains*, Paris, Gallimard (coll. « Folio », n° 1915), 1972,